

Educação Física como possibilidade de Transformação para os Estudantes da EJA

Mariana de Albuquerque Cavalli¹
Tiago Nunes Medeiros²
Lucas Lopez da Cruz³
Fabiano Bossle⁴

Resumo: O presente estudo aborda a Educação Física possibilidade de transformação para os estudantes da EJA, a partir do problema de pesquisa "Qual a produção acadêmica científica sobre Educação Física e EJA, nos periódicos da CAPES entre o ano de 2009 e 2019?". Tendo como objetivo principal compreender a Educação Física como possibilidade de transformação para os estudantes da EJA. A pesquisa foi realizada a partir do portal de periódicos da CAPES na qual foi utilizado como termos Educação Física e EJA. Foram cinco (5) artigos analisados que mostram a produção acadêmica sobre o assunto. Os autores Elenor Kunz e Paulo Freire prevalecem no trabalho como referencial teórico e entendem que estudantes da EJA são oprimidos, marginalizados e buscam por igualdade dentro do sistema educacional em uma sociedade capitalista e meritocrática. O processo seguinte foi a análise dos artigos para verificar a centralidade dos termos nessas produções científicas. Neste sentido, percebemos que a baixa produção acadêmica na área da Educação Física na educação de jovens e adultos pode representar uma falta de incentivo ao ensino, pesquisa e extensão dessa modalidade escolar.

Palavras-chave: Educação Física. EJA. Transformação.

Abstract: This study addresses Physical Education as a possibility of transformation for EJA students, based on the problem of research "What scientific academic production on physical education and as a possibility of transformation for EJA students. The research was carried out from the CAPES newspaper portal in which Physical Education and EJA were used as descriptors. There were five articles analyzed that show academic output on the subject. The authors Elenor Kunz and Paulo Freire prevail in the work as a theoretical reference and understand that EJA students are oppressed, marginalized and seek for equality in the educational system in a capitalist and meritocratic society. The next process was the analysis of the articles for the verification of the centrality of the descriptors in these scientific productions. In this sense, we realize that low academic production in the area of physical education in the education of young people and adults can represent a lack of incentive to teach, research and extension of this modality of teaching.

Keywords: Physical Education. EJA. Transformation.

¹ Graduanda em Educação Física. E-mail: cavallimariana@gmail.com

² Orientador e Docente do Centro Universitário Cenecista de Osório. E-mail: cead.tiagomedeiros@cneec.br

³ Analista de Educação do Departamento Nacional do Sesc. E-mail: lucasofg@hotmail.com

⁴ Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH/ESEFID/UFRGS). E-mail: fabiano.bossle@ufrgs.br

Introdução

A escolha do tema se deu a partir das vivências que um de nós teve ao longo da vida com pessoas que tiveram o acesso à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e como a Educação Física (EF) foi vista por elas. Compreendo que há uma relação entre a EF e essa modalidade de ensino, no sentido de uma possível transformação da Educação Física para a EJA. O trabalho tem como tema principal a EF enquanto componente curricular obrigatório na EJA, e o objetivo geral compreender o componente curricular Educação Física e sua relação com a modalidade EJA a partir da produção científica. Para tanto, estabeleci o seguinte problema de pesquisa: “Qual a produção acadêmica científica sobre Educação Física e EJA, nos periódicos da CAPES entre o ano de 2009 e 2019?”.

A fundamentação teórica está sustentada em autores como Elenor Kunz e Paulo Freire em uma ideia de Educação Física para a EJA que seja transformadora. A metodologia foi um estudo de revisão bibliográfica que tratou de analisar a produção acadêmica entre os anos de 2009 e 2019 usando os termos “Educação Física” e “EJA”. A análise dos resultados trabalhou com cinco (5) artigos que permitiu que identificássemos uma rasa produção acadêmica sobre a área. E, por fim, faremos uma análise sustentada nos aspectos teóricos e metodológicos dos trabalhos para cotejar com a análise dos resultados.

Educação Física Escolar e a Educação de Jovens e Adultos

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino destinado a jovens e adultos que não tiveram acesso ou que por algum motivo não puderam concluir o ensino na idade própria que é considerada pelos modelos de educação contemporâneos, ainda que para fins deste trabalho acreditemos em uma educação ao longo da vida, que reconhece os tempos de aprendizagem dos sujeitos e não pode estar limitada à uma etapa específica. É um curso ofertado a sujeitos a partir dos 15 anos de idade, se tratando do

Ensino Fundamental, e a partir dos 18 anos de idade se tratando do Ensino Médio, presencial ou a distância.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), pode observar que a Educação Física é componente curricular obrigatório da Educação Básica, porém no ano de 2003, a partir da Lei nº 10.793 (BRASIL, 2003), tornam essa disciplina facultativa para alguns estudantes do turno noturno, nos casos de: 1) cumprirem jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; 2) serem maiores de 30 anos de idade; 3) estarem prestando serviço militar inicial, ou que, em situação similar, estiverem obrigados a prática de Educação Física e; 4) que tenham prole. A liberação de quem vive os casos descritos acima, está vinculada ao entendimento de que a Educação Física é uma disciplina eminentemente prática e que não produz conhecimentos significativos, sendo reduzida ao cansaço físico, mais uma vez reduzindo a proposta da EJA a uma relação técnico instrumental. (PEREIRA, 2013; GOLDSCHIMIDT FILHO; CRUZ; BOSSLE, 2016).

Segundo a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (BRASIL, 1996) na Seção V do artigo 37, do parágrafo 1º:

A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.

A citação acima refere-se aos estudantes que tiveram sua trajetória escolar interrompida por algum motivo. São sujeitos marginalizados na nossa sociedade, sendo vítimas de vários tipos de opressão por não terem a chance de concluir os seus estudos, sujeitos alijados de direitos fundamentais. A EJA vai muito além da conclusão de uma etapa da Educação Básica. Para os estudantes é uma porta que se abre, para oportunidades melhores de trabalho ou realização de um sonho. Segundo o Parecer 11/2000 da CEB/CNE, a EJA possui um modelo pedagógico próprio, voltado a atender três funções: a reparadora, a equalizadora e a qualificadora. Estas funções têm por premissa

o resgate dos direitos negados a estes sujeitos, por isso a função reparadora, e por consequência proporcionar uma equidade de oportunidades e a qualificação dos mesmos para a conclusão de seus projetos de vida.

Na educação de jovens e adultos uma característica bastante comum são as turmas heterogêneas, principalmente em virtude das experiências anteriores com a cultura corporal, muito diferenciada entre os estudantes. Assim como relata Barcelos (2010), a grande diferença de idade de estudantes nas mesmas turmas reflete inicialmente um aspecto bastante negativo para os professores, porém quando olhamos a partir da multiplicidade dos sujeitos, e das diferentes possibilidades dentro da cultura destes sujeitos, poderá ser algo benéfico para aprendizagem de todos, utilizando as experiências de vida de alguns como fator de estímulo para outros. Para Darido e Souza Júnior (2010), o professor deve partir sempre do pressuposto de que a aula de Educação Física não visa ao rendimento, valorizando assim as diferentes formas de expressão.

O papel do professor da EJA é de grande importância no processo de reingresso destes sujeitos na cultura escolar, o que nos faz pensar na importância do docente no sucesso de uma proposta para jovens e adultos, pois sua mediação será o ponto de enlace entre a cultura dos estudantes e a cultura escolar, para muitos deles, algo que ficou no passado. O conhecimento modifica o homem, assim considera-se que a EJA, é capaz de mudar significativamente a vida de uma pessoa, traz novas oportunidades de convivência, novos valores para a construção de uma sociedade democrática, justa e igualitária. Além de diversificar os conteúdos da cultura corporal de movimento, é preciso aprofundá-los, tratando-os nas três dimensões (conceitual, procedimental e atitudinal), abordando os diferentes pontos que compõe as suas significações.

Compreende-se a importância das aulas de Educação Física para jovens e adultos que frequentam a EJA, por isso se faz necessário construir uma relação entre a vida escolar do estudante e seu cotidiano, como propõe Kunz

(1991). Se faz necessário que haja uma inclusão a reflexão sobre o “mundo vivido” e respectivo “mundo do movimento” do estudante (GOLDSCHIMIDT FILHO; CRUZ; BOSSLE, 2016). Porém, isto somente será possível quando a relação entre professores e estudantes for no sentido horizontal, ao contrário da relação vertical opressora e alienante da concepção “bancária” de ensino (FREIRE, 2015).

Diversos autores (KUNZ, 1991; DARIDO; SOUZA JUNIOR, 2010; GOLDSCHIMIDT FILHO; CRUZ; BOSSLE, 2016); afirmam que quando trabalhamos com o ensino da Educação Física na escola, nós estamos ensinando os sujeitos a lerem o mundo. Quando o professor reproduz o modelo de Educação Física pouco crítico e reflexivo no contexto de ensino, automaticamente ele também está ensinando aos sujeitos que é essa a condição de mundo válido.

Quando começa a se quebrar esse paradigma e ensinar em outra perspectiva, automaticamente também, o educador amplia o léxico para diferentes leituras do mundo. Ou seja, tudo isso nos leva a entender que são essas as ferramentas que a Educação Física possui para auxiliar os estudantes a reconhecer e ressignificar seu lugar no mundo, e aprender a dizer a sua palavra (FREIRE, 2015). E isso será possível a partir de uma ideia dialógica que começa partindo do estudante, ouvindo e aprendendo também com as experiências dele, em uma troca recíproca de aprendizagem.

Transformação

Em uma breve pesquisa no Google pelo termo “transformação” temos como resposta: “transformação em sua referência básica diz que o mesmo se refere à ação e resultado de transformar-se em si mesmo, ou na sua falta, em algo”. No presente estudo queremos compreender onde está uma possível transformação positiva dentro de um ambiente escolar, a partir de uma modalidade de ensino.

Para Kunz (1991), a transformação da Educação Física em prol de uma classe oprimida e marginalizada na sociedade assim como é a EJA parte de uma perspectiva de "educação libertadora" como é mundialmente conhecida nos escritos de Paulo Freire.

Kunz (1991), concorda com Paulo Freire, ao tratar da liberdade como algo que não possa ser transferido, ela está no interior do processo, ou seja, deve partir de onde os educandos se encontram, e não de onde os professores acham que eles deveriam estar. Bem como, tem a função de se opor a "educação bancária", a qual ele considera alienante. Tal educação parece prevalecer nas escolas em forma de opressão, pois apesar de uma ação comunicativa entre educando e educador, ainda assim existe uma hierarquia dos saberes, onde o professor "deposita" seu conhecimento, no qual transparece "saber sobre tudo" enquanto o estudante transparece uma "ignorância e impotência plena" que passa a ser obrigado a receber passivamente todas as informações do professor. (KUNZ, 1991).

No sentido de superar uma educação domesticadora (domesticar significa adaptar pessoas a não pensar), e missionária como é uma aula de Educação Física tradicional, é necessário, segundo Freire (1981), contrapor uma "educação libertadora", onde o principal responsável a iniciar esse processo libertador é o professor. Bell Hooks (2013) afirma que a sala de aula transformadora é um ambiente engajador para estudantes e professores. Não em uma perspectiva romantizada, onde existe harmonia constante, mas no sentido de provocar um conflito entre os saberes, para a partir da reflexão dialógica construir novos saberes, estes oriundos do encontro entre professores e estudantes.

Para Freire (1981) e Kunz (1991) o professor deve constantemente buscar estabelecer a relação entre vida e o ensino, teoria e prática, objeto de ensino e realidade. Para os autores o principal critério de avaliação de um educador é justamente sua posição frente a prática, e não a sua fala. Os autores compreendem que o professor no momento de elaborar sua prática, por mais

libertadora que ela pareça na teoria, caso não seja considerado o contexto cultural em que os indivíduos estão inseridos, ela se tornar uma prática somente no mundo das ideias, acobertando um ensino autoritário e elitista.

Neste sentido, ensinar Educação Física em uma prática de "educação libertadora" não pode limitar-se somente a transmissão da cultura e dos saberes de suas expressões corporais no seu sentido técnico. A partir desse pensamento será possível que educador e educando construam através de uma ação dialógica uma realidade ainda desconhecida, tornando esse espaço de ensino e de aprendizagem um espaço de produção de conhecimento e não somente a simples transmissão de informações. (KUNZ, 1991).

Para que haja transformação o processo de ensino e aprendizagem, deverá se estabelecer enquanto práxis, uma relação dialógica que produz conhecimento a partir do ciclo ação-reflexão, ou seja, do conhecimento da prática social, para o conhecimento teórico, e novamente retornando a prática social.

Paulo Freire (1981) acredita que para haver transformação, tem que haver consciência e mundo enquanto subjetividade e objetividade andando juntos. Para ele isto é um ato de conhecimento que exhibe a realidade social concreta. A conscientização deve ser entendida como "uma relação dialética entre o homem e realidade" que é "transformada pelo homem e que também transforma o homem". (FREIRE, 1981).

Freire (1981) acredita que a forma da consciência se refere a formação da prática transformadora, o que acaba levando a educação libertadora e automaticamente impede a construção de uma consciência alienante, bem como é a educação bancária. Isso tudo deve relacionar a compreensão da realidade em um conceito de totalidade, em que para Freire (1981) é como se refere ao conjunto do mundo das aparências. Para se entender a realidade deve-se também entender os aspectos globais dos meios de produção e reprodução social. "Eu não me conscientizo para a luta, mas na luta eu me conscientizo". (FREIRE, 1985, p. 114).

Porém, antes de se inserir nessa "luta" deve-se compreender a realidade. Na Educação Física os estudantes devem ter a chance de se tornar sujeitos das suas próprias experiências de movimento. O indivíduo que se encontra inserido na EJA deverá aprender a ler a realidade do contexto do seu corpo dentro da cultura corporal e de suas práticas, com isso se tornando autônomo no agir e pensar, analisando e modificando o mundo de forma crítica. Kunz (1991) e Freire (1981), vão compreender que os estudantes devem se integrar de forma ativa e conscientes da realidade social para a transformação.

Portanto, a partir do que foi tratado até aqui, compreendemos que é possível uma transformação a partir de elementos como a ação comunicativa, a partir da dialogicidade. O professor e o estudante devem construir através da ação comunicativa do ato pedagógico uma realidade que ambos ainda não conhecem, tornando esse ensino, acima de tudo numa produção de conhecimento, e não somente transmissões de informações. Deve haver uma educação libertadora e dialógica, dentro de uma ação pedagógica e política na qual os educandos sintam-se parte do processo, sejam ouvidos e suas vivências sejam compreendidas, para que seja feita uma Educação Física a partir da EJA e não imposta a ela.

Metodologia

O presente estudo é uma revisão bibliográfica do tipo qualitativo, que para Gil (2002) pode ser definido como um procedimento racional e sistemático, no qual seu principal objetivo é fornecer respostas aos problemas que são apresentados, através de materiais que já foram publicados, sejam eles artigo ou livros. Sendo assim ampliando as possibilidades ao pesquisador fornecendo acesso a outras informações que não se limitam somente ao que foi pesquisado.

A pesquisa foi realizada no portal de periódicos da CAPES em que foi utilizado como termos "Educação Física" e "EJA", a escolha dessas palavras se deu a partir do objetivo do artigo, bem como da relação entre elas. No primeiro

momento da busca utilizamos somente "Educação Física" no qual encontramos 15773 resultados, o primeiro refinamento optamos por artigo, no qual resultou 15046, logo após marcamos a opção português reduzindo-os para 9463, em seguida filtramos nos últimos dez anos, e o resultado foi de 8330 artigos. O próximo descritor foi "EJA", no qual resultou 117 artigos, refinando os últimos dez anos e o resultado foi 115, optamos por somente artigos e obtivemos 104, na opção de idioma português reduziu para 71. Inserindo os dois termos juntos "Educação Física e EJA" obtivemos 117 resultados, refinando para os últimos 10 anos, reduziu para 115, optamos por artigos resultou em 104, ao escolher o idioma português o resultado foi de 39 artigos. Desses 39, 15 estavam em outro idioma e 16 falavam sobre o assunto. Após a leitura detalhada e completa dos artigos, somente oito (8) de fato havia centralização dos termos utilizados para a busca. Destes oito (8), dois (2) eram em outro idioma e um (1) não era artigo e sim uma tese. Sendo assim, restaram somente cinco (5) artigos para as análises do estudo.

Análise e Discussão dos Resultados

A partir da pesquisa foi possível analisar os estudos que tratam sobre o assunto escolhido, logo no primeiro artigo analisado que é do ano de 2018, que tem como título "Juvenilização da EJA: repercussões na Educação Física" escrito por Silvester Franchi e Maria Cecília Camargo Günther. A publicação deste artigo mostra o aumento significativo no número de adolescente que frequentam a EJA, fazendo com que o currículo e o ensino para esse público sejam repensados, tendo a intencionalidade de mostrar o papel da EJA na estrutura educacional. (FRANCHI; GÜNTHER, 2018).

Segundo os autores, o crescimento de jovens a procura do ensino da EJA não é o único fator preocupante, mas também o aumento da presença de adolescente entre 15 e 18 anos que por muitas vezes tem um histórico de repetências e insucessos que favorecem o abandono da escola. Outros fatores como a gravidez precoce, falta de qualidade do ensino, desmotivação,

vulnerabilidade social onde boa parte da população necessita trabalhar para ajudar na sobrevivência da família e não conseguem conciliar trabalho e escola também tem ampliado o número de jovens nas salas de aula da EJA. (FRANCHI; GÜNTHER, 2018).

Mesmo que a Educação Física seja componente curricular obrigatório, ainda apresenta fragilidades na EJA. Se de um lado, a obrigatoriedade de sua presença contribui no desenvolvimento do ser humano, de outro, cria-se leis que tornam sua prática facultativa, como já comentamos. Existem também problemas em relação aos conteúdos abordados e seu significado para os educandos, tais como: EFI como compensação do trabalho, ginástica laboral, hora de “bater uma bola”, hora livre entre as outras disciplinas escolares. (FRANCHI; GÜNTHER, 2018).

Para Franchi e Günther (2018), a escola e a EFI devem repensar suas rotinas escolares, tempos e espaços pedagógicos para que possam ser capazes de atender as novas demandas. A EFI precisa começar a ser vista por esses adolescentes como área de conhecimento, de novas experiências que tragam aprendizagem significativas para a vida e não como passa tempo.

O segundo artigo tem como título “Inclusão das diferenças de formas e aptidão física na EJA: A Educação Física e a educação somática como possibilidades” escrito por: Fabio Soares da Costa, José Carlos de Sousa e Andréia Mendes dos Santos. A principal proposta do artigo é discutir sobre a inserção de novos conteúdos e estratégias metodológicas através da educação somática e de que maneiras eles influenciam os estudantes da presente modalidade. (COSTA; SOUSA; SANTOS, 2017).

Os autores entendem que a EJA vem sendo excludente e negligenciada. A educação somática junto de práticas pedagógicas entra na Educação Física embasado em seus pilares, conceitos, e princípios a fim de que haja aptidão física e inclusão das diversidades de forma corporal como diretrizes do seu desenvolvimento. (COSTA; SOUSA; SANTOS, 2017).

Tornou-se algo a ser refletido e discutido pois as práticas pedagógicas de alguma maneira assumem o papel principal, a partir de uma visão não conclusiva. Ao observarmos o currículo escolar brasileiro, o entendemos como excludente, empobrecido, voltado para o desenvolvimento de técnicas esportivas e manifestações expressivas. Costa, Sousa e Santos (2017), acreditam que a educação somática melhora os níveis de aptidão física relacionadas a saúde, a qualidade de vida e contribuição para a inclusão das diferenças na escola.

Em contrapartida, os autores concluem que somente conteúdos sobre esportes não são suficientes, e estudantes menos aptos inclusive acabam abandonando as aulas. Sendo assim nota-se a necessidade de incluir temas de diferentes aspectos, sejam eles biomédicos, social, sensível e crítico, buscando formar sujeitos com consciência corporal, saúde e que tenham autonomia, privilegiando a formação integral. Para isso é necessário que haja uma reflexão do estudante sobre a importância da formação corporal e aptidão física, sobre valores éticos e morais a respeito de seu corpo, suas sensações, limites e possibilidade, associando a Educação Física escolar ao seu cotidiano. (COSTA; SOUSA; SANTOS, 2017).

O terceiro artigo foi publicado no ano de 2017, tem como título “Efeito das aulas de ginástica escolar nos níveis de atividade física: jump na educação de jovens e adultos (EJA)” escrito por vários autores: Vanilson Batista Lemes, Caroline Brand, Arieli Fernandes Dias, Rodrigo Baptista Moreira, Adroaldo Cezar Araujo Gaya e Anelise Reis Gaya. O artigo teve como objetivo principal verificar o efeito de aulas de ginástica escolar em mini trampolim nos níveis de atividade física da escola na modalidade EJA. (LEMES et al., 2017).

Os autores encaram como uma barreira ao docente o fato de haver uma evasão na EJA devido a diversidade em suas faixas etárias, bem como as situações de vulnerabilidade social. Porém apontam que mesmo sob condições diversas perceberam que é possível construir um planejamento estratégico embasado na teoria do treinamento físico, considerando pontos

como intensidade, progressão e continuidade enquanto aspectos relevantes ao cronograma de ensino da disciplina, e apontam que foi perceptível uma melhora significativa no aumento dos níveis de atividade física ao longo de um semestre letivo. (LEMES et al., 2017).

Ao analisar os dados percebeu-se que em seis meses de intervenção foi possível elevar o padrão de atividade física médio de 70 passos por minuto para 110. Segundo pesquisas, calcular o nível de atividade física através de passos por minutos é relevante para saúde dos escolares. Sendo assim demonstra um resultado positivo quanto ao estímulo da saúde nas aulas de EFI da EJA. Observou-se que aulas que envolviam BPM's musicais associados aos saltos dos mini trampolins foram capazes de ensinar o ritmo aos estudantes, bem como foi fundamental para alcance de níveis de atividade física mais altos ao longo do tempo, além de parecer reduzir o grau de ansiedade deles. (LEMES et al., 2017).

O quarto artigo tem como título “Relações entre a Educação Física escolar e a Educação de Jovens e Adultos no interior do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE); sujeitos, concepções, impasses e perspectivas”, do autor Cláudio Márcio Oliveira, e seu principal objetivo foi o de analisar essas relações. A pesquisa aconteceu entre o ano de 2007 e 2015. (OLIVEIRA, 2016).

O autor fala sobre a associação entre a EJA e a Educação Física. Aponta-se que ambas são vistas com pouca legitimidade, já que um dos primeiros “solos comuns” entre as duas seria o seu caráter de “marginalidade” na escola. Ambos marcados com inferioridade, cada qual com sua trajetória, seja a Educação Física na hierarquia dos saberes escolares, ou a EJA em seu caráter duvidoso quanto ao conhecimento e vivência dos sujeitos. (OLIVEIRA, 2016).

Um dos pontos observados foi sobre a escassez de pesquisas na área da Educação Física escolar (EFE) nessa modalidade de ensino. Nas produções existentes há um largo silêncio entre a EJA e a relação com a Educação

Física. Em geral estes sujeitos, trabalhadores em boa parte, são sempre tratados pelo estereótipo, negando-lhes mais uma vez o direito ao processo de escolarização e o acesso a condições mais dignas de existir no mundo.

Para o autor é justamente nisso que a escola deve repensar, muito mais que adaptar grades escolares, os processos mecanizados que os sujeitos da EJA enfrentam emergem de uma responsabilidade pública que lhes foi negada, tendo em vista que o mesmo se dá a partir de uma distinção social das pessoas. A observação é feita através de um primeiro olhar, apontando que existe a desvalorização tanto da disciplina, quanto da modalidade EJA. Sendo assim, diante das produções analisadas aqui fica claro que as mesmas pouco problematizam a forma que a Educação Física está presente na EJA, fazendo uma defesa da inserção da Educação Física “na EJA” e não “a partir da EJA”. (OLIVEIRA, 2016).

Oliveira (2016), apresenta outro ponto de conflito, em que a prática pedagógica sofre influência dos meios de comunicação aos sujeitos dessa modalidade, pois carregam consigo uma imagem negativa de si mesmos e de suas experiências na escolarização. Tendo em vista que a EFI é um espaço oportuno quando associado ao caráter multidisciplinar dos componentes curriculares em busca de trabalhar a baixa autoestima, a consciência corporal e a convivência enquanto sociedade. Porém estes componentes curriculares são provenientes de um plano pedagógico no qual a oferta é obrigatória, mas em contrapartida a frequência é facultativa.

Oliveira (2016), conclui que o reflexo de tudo isso se dá também a partir da formação dos professores, muitas vezes desvalorizados e sem a especificidade da modalidade. Tendo em vista que o direito e educação desses jovens e adultos trabalhadores passa também pelo processo de formação de seus professores, é importante reivindicar uma formação continuada que possibilite qualificar os processos na EJA. Os professores necessitam de estar implicados historicamente com o repensar da Educação Física, de uma maneira que possam atender a esta diversidade, buscando

não ser um professor “na EJA” e sim um professor “da EJA”. Sendo assim, é necessário estabelecer um diálogo mais concreto entre a Educação Física e a educação de jovens e adultos, de forma a melhor atender homens e mulheres na sua historicidade, sujeitos aos quais já foram negados seus direitos elementares, e produzir com eles um trabalho que ressignifique a educação na vida destes sujeitos.

O quinto e último artigo analisado “Perfil de qualidade de vida e atividade física habitual de adultos participantes das aulas de Educação Física da educação de jovens e adultos (EJA)” de Gabriel Dias Rodrigues e Edmundo de Drummond Alves Junior, tem como objetivo analisar descritivamente os níveis de qualidade de vida e atividade física em diferentes domínios, em adultos frequentadores das aulas de Educação Física da EJA. (RODRIGUES; ALVES JUNIOR, 2016).

A pesquisa foi realizada com indivíduos que tem a média de idade de 39 anos, a maioria das atividades praticadas pelo grupo analisado são atividades domiciliares. Para o lazer somente quatro alunas responderam a caminhada, e para o esporte somente um estudante respondeu a prática do futebol. Todos os sujeitos analisados da amostra declaram que no momento da pesquisa estavam exercendo alguma atividade seja formal ou informal no mercado de trabalho. (RODRIGUES; ALVES JUNIOR, 2016).

Segundo os autores destacam que a qualidade de vida para este grupo está ligada diretamente a atividades domiciliares (o que representou 54% do total do nível de atividade física habitual), porém ela não depende única e exclusivamente desse quesito. Questões como moradia, transporte e saneamento básico também fazem parte desse combo, mostrando assim que a qualidade de vida é multifatorial. Este resultado também pode estar relacionado as condições de trabalho dessa amostra, bem como o tempo para o lazer encontra-se diminuído.

O menor índice de qualidade de vida dessa amostra foi a vitalidade, perguntas como cansaço mental, vigor, vontade, força e entre outros levaram os autores

a repensarem novamente sobre o trabalho desses e de outros estudantes do EJA, de maneira que isso influencie diretamente na qualidade de vida, tendo em vista que a vitalidade esteja ligada ao cansaço do trabalho diário desses indivíduos. (RODRIGUES; ALVES JUNIOR, 2016).

A partir dos estudos percebeu-se que grande parte da amostra é fisicamente ativa, ainda que não pratiquem exercícios físicos, porém a auto percepção relacionada a saúde pode estar sendo vista no modelo biomédico, onde acredita-se que ter saúde é somente não estar doente. Essa concepção pode ter levado os estudantes a fazerem deduções por apresentarem algum quadro de doença ou até mesmo por não saberem relatar o que define sua saúde, tendo em vista que estudantes classificaram sua saúde como ruim. (RODRIGUES; ALVES JUNIOR, 2016).

Nesse sentido, os autores entendem que a Educação Física tem a obrigação com o estímulo a saúde na escola, através de projetos multidisciplinares, sendo assim tendo um olhar mais sensível para com eles, tendo em vista a heterogeneidade das turmas de EJA, o que pode ser um desafio à docência. Outro ponto levando foi com relação a formação continuada do professor que também parece ser uma boa opção para enriquecer o conhecimento construído com os estudantes através de suas diversas experiências. (RODRIGUES; ALVES JUNIOR, 2016).

Sendo assim Rodrigues e Alves Junior (2016), concluem que a qualidade de vida e a promoção da saúde são concepções em evolução e que devem ser discutidos no ambiente escolar, ainda assim as produções nas literaturas científicas a respeito desses temas são rasas. Porém podem ratificar a importância da temática da saúde na escola e no contexto de Educação Física escolar. Para o autor não se deve priorizar o desenvolvimento da aptidão física, mas sim a conscientização e educação para a saúde. Sendo assim a qualidade de vida é influenciada por diversos fatores e diferenciada em diferentes populações.

Considerações finais

Chegamos ao fim do trabalho, agora tratarei de responder o problema de pesquisa: "Qual a produção acadêmica científica sobre Educação Física e EJA, nos periódicos da CAPES entre o ano de 2009 e 2019?" e o objetivo que foi compreender o componente curricular Educação Física e sua relação com a modalidade EJA a partir da produção científica. Deste modo, analisamos cinco (5) artigos em que a produção acadêmica consiste em uma divisão sobre a forma de pesquisa acadêmica na Educação Física da EJA. De alguma forma, parte da resposta para nosso problema de pesquisa já aparece ao encontrarmos somente cinco (5) artigos, indicando o quanto é restrita produção acadêmica na área da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos, o que sugere uma falta de incentivo ao ensino, pesquisa e extensão dessa modalidade escolar.

Em dois artigos encontramos uma Educação Física que se pretende escolar, pensada a partir das realidades encontradas entre os estudantes da modalidade, em contrapartida nos outros três (3) a Educação Física segue um modelo alicerçado em uma perspectiva quantitativa e biológica da área, que utiliza os estudantes como dados de análise para construção de pesquisa sobre determinadas áreas e/ou temas.

Dentro das teorias analisadas os dois artigos que trazem uma proposta escolar preocupam-se em promover um diálogo do componente curricular com o contexto dos estudantes, ainda que nem sempre partam destes para produzir uma construção mais crítica do conhecimento. No primeiro artigo analisado "Juvenilização da EJA: repercussões na Educação Física", os autores sugerem que se tenha um olhar mais atento as práticas voltadas para essa modalidade de ensino, pois normalmente elas são restritas ou inexistentes, assim como Freire (1981) e Kunz (1991) sugeriram na sua teoria. Ainda que alguns dos autores da produção acadêmica analisada sugeriram que as práticas dialoguem com os conhecimentos que os educandos trazem ao reingressarem no sistema de ensino, nos parece que existem limitações

quanto ao entendimento da modalidade e o reconhecimento de saberes da cultura corporal de movimento dos estudantes.

Um dos grandes "nós" apresentados pelos autores fala sobre um segmento de estudantes que tem evadido das classes regulares e migrado não está retornando ao estudo e sim se deslocando por algum motivo para a EJA. Esse novo público traz consigo elementos da cultura juvenil que, em grande medida marcam seu contexto de vivências individuais em relação as formas de manifestação da cultura corporal de movimento que a escola historicamente não tem contemplado. Bem como, eles sugerem que existe uma necessidade de pensar na reestruturação dos tempos e espaços pedagógicos, objetivando assim a qualificação do ensino da EJA, com o intuito dessa modalidade de ensino não se restringir apenas à obtenção de certificado de conclusão de estudos, mas que fortaleça a apropriação de conhecimentos e a autonomia dos sujeitos perante a sociedade em que vivemos.

Já o segundo artigo "Relações entre a Educação Física escolar e a educação de jovens e adultos no interior do colégio brasileiro de ciências do esporte (CBCE); sujeitos, concepções, impasses e perspectivas" já busca fazer uma ponte entre o componente curricular e modalidade, reconhecendo a necessidade de produzir uma Educação Física escolar a partir da EJA, e não apresentar um modelo pronto para a modalidade. Essa perspectiva nos possibilita pensar em uma educação transformadora, conforme as teorias de Freire (1981) e Kunz (1991). Outro aspecto significativo é o da importância do educador na vida do educando, fazendo relação direta aos modelos formação dos professores como um ponto a ser analisado. Uma das críticas é a formação pregressa dos professores que atuavam na EJA, geralmente voluntários sem formação, um dos motivos de precarização do ensino na modalidade. Os autores acreditam que deve existir uma formação mais específica para modalidade. Para além da formação, a prática docente também precisa ampliar o diálogo com a comunidade escolar, relacionando os movimentos sociais, com os avanços e retrocesso em relação a forma

escolar de socialização. Assim entendemos que os professores não devem atuar como professores "na EJA", mas sim como professores "da EJA."

Em contrapartida os outros três (3) artigos analisados tratam somente de uma Educação Física "na EJA" e não "a partir da EJA", onde utilizam os estudantes somente como cobaias para um determinado estudo, o que promove uma educação sem sentido real para os sujeitos, impossibilitando uma ação transformadora. No momento que o professor busca somente desenvolver a aptidão física dos seus estudantes, ou uma prática seja ela esportiva ou não, ele está trabalhando somente uma das tantas possibilidades dentro da Educação Física e deixando todas as outras de lado, inclusive sem levar em conta a diversidade de possibilidades que os estudantes trazem consigo. Dito tudo isso, a pergunta que fica é: o que o estudante está aprendendo com essa aula? Isso de fato está possibilitando o estudante a olhar o mundo com uma outra perspectiva? Está tornando-o melhor de alguma maneira?

Diante das produções acadêmicas analisadas entendemos que a ideia de uma Educação Física Escolar para EJA está presente somente nos dois artigos que trazem uma educação mais compromissada, compactuando assim com as ideias já apresentadas por Freire (1981) e Kunz (1991).

Sendo assim, concluímos que para que haja transformação é necessário que teoria e prática andem juntas, ou seja, como os autores Freire (1981) e Kunz (1991) sugerem. A partir de toda ação, deve haver uma reflexão, possibilitando ao educando, e ao educador se oporem a educação bancária, domesticadora e alienante. O educando deve reconhecer sua autonomia tanto na escola, quanto na sociedade. Dentro da sala de aula ele deve ser ouvido, e fora dela ele deve reconhecer o sistema no qual ele está inserido, e a partir dele se posicionar. Tudo isso pode constituir-se a partir de uma educação libertadora e dialógica na qual o estudante sinta que também faz parte do processo, e não seja somente uma "peça" de um sistema opressor. A ação comunicativa deve ser posta em prática, o estudante precisa ser crítico e reflexivo quanto a educação que ele está recebendo.

O professor nesse processo de libertação e transformação deve ser um mediador de conhecimento, a partir do que ele aprendeu, mas sem desconsiderar as experiências de mundo vivido dos seus estudantes, buscando o equilíbrio entre o conhecimento historicamente produzido pela academia, já implantado no sistema educacional, e os saberes produzidos no senso comum, provocando neles a reflexão sobre todo o contexto ali ensinado dentro da sala de aula. Esse conhecimento não pode se limitar as quatro paredes e sim deve ser refletido na sua realidade de mundo vivido.

Apesar da Educação Física muitas vezes não ser considerada uma disciplina e sim um momento de lazer, de esportes, estando marginalizada dentro do sistema de ensino, ela tem um potencial transformador excepcional, pois parte da prática e do reconhecimento dos corpos destes sujeitos, outrora negados em outros espaços. No contexto atual, ela deve iniciar-se a partir do educador reconhecendo seu papel transformador, partindo da dialogicidade na prática, do reconhecimento da cultura corporal dos estudantes, das marcas que estes trazem consigo. Ele deve ir muito além disso, deve haver um processo que finaliza o conteúdo. E a aula deve ser crítica e reflexiva em todo o momento, sem a ideia de que há diferenças entre a teoria e prática, ela deve fluir de acordo com o perfil e necessidade de cada turma, e o educador deve reconhecer isso.

O educador como mediador do processo de ensino e aprendizagem precisa proporcionar aos estudantes o reconhecimento das diferentes entre a teoria e a prática, mas sem sobrepô-las em grau de importância. A Educação Física escolar como um todo, mas aqui principalmente na EJA, precisa se posicionar e produzir conhecimento a partir da prática escolar e aí sim propor um diálogo com a ciência produzida na academia. É necessário inverter a ordem dos processos e reconhecer na cultura escolar o valor para a transformação das políticas educacionais a partir dela.

Referências

BARCELOS, V. **Educação de jovens e adultos: currículo e práticas pedagógicas**. Petrópolis, Vozes, 2010.

BARROS D.; BARROS, D. **Educação Física na Escola Primária**. 4º Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

BETTI, M. **Ensino de 1º. e 2º. graus: Educação Física para quê?** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 282-7, 1992.

BETTI, M. **O que a semiótica inspira ao ensino da Educação Física**. Discorpo, São Paulo, n. 3, p. 25-45, 1994.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. **Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. São Paulo, v. 10, n. 1, p. 73-81, 2002.

BRASIL. **Constituição (1988) Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003**. Altera a redação do art. 26, § 3º, e do art. 92 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional”, e dá outras providências. Diário Oficial União: seção 1, Brasília, DF, ano 182, 1º dez. 2003.

BRASIL. **Constituição (1988) Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial União: seção 1, Brasília, DF, ano 175, 20 dez.

COSTA, F. S. da; SOUSA, J. C. de; SANTOS, A. M. dos. **Inclusão das diferenças de forma e aptidão física na EJA: A Educação Física e a educação somática como possibilidades**. 2017. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/14370/2/INCLUSAO_DA_S_DIFERENCAS_DE_FORMA_E_APTIDAO_FISICA_NA_EJA_A_EDUCACAO_FISICA_E_A_EDUCACAO_SOMATICA_COMO_POSSIBILIDADES.pdf>. Acesso em 25 de abril de 2019.

DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. de. **Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenções na escola**. 6º edição. Campinas, Papirus, 2010.

FRANCHI, Silvester. GUNTHER, C. C. Maria. **Juvenilização da EJA: repercussões na Educação Física**. Motrivivência, Florianópolis, v. 30, n. 53, p. 209-225, mai., 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 59ª Edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 3º Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia, diálogo e conflito**. São Paulo: Paz e Terra, 1985.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º Edição. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDSCHMIDT FILHO, F.; CRUZ, L. L. da; BOSSLE, Fabiano. **Educação Física na EJA: Desafios e possibilidades**. Revista Kinesis, Santa Maria, v. 34, nº 2, p. 117-131, jul./dez., 2016.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: ensino e mudanças**. Ijuí. UNIJUI, 1991.

LEMES, V. Batista; BRAND, C.; DIAS, A. F.; MOREIRA, R. B.; GAYA, A. C. A.; GAYA, A. R.. **Efeito das aulas de ginástica escolar nos níveis de atividade física: Jump na educação de jovens e adultos (EJA)**. Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício, São Paulo, v. 11, n. 70, s. 1, p. 863-870. jan./dez., 2017.

OLIVEIRA, Cláudio Márcio. **Relações entre a Educação Física escolar e a educação de jovens e adultos no interior do colégio brasileiro de ciências do esporte (CBCE): sujeitos, concepções, impasses e perspectivas**. Revista Pedagógica, Chapecó, v. 18, n. 39, p. 151-173, set./dez., 2016.

PEREIRA, Ricardo Reuter. **Diálogos sobre a Educação Física na educação de jovens e adultos numa perspectiva freireana**. 2013. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RODRIGUES, G. D. ALVES JUNIOR, E. de D. **Perfil de qualidade de vida e atividade física habitual de adultos participantes das aulas de Educação Física da educação de jovens e adultos (EJA)**. Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício, São Paulo. v. 10, n. 62, p. 734-740, nov./dez., 2016.